PETRÓLEO POR DENTRO DO

• PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS DA PETROBRÁS • ANO 1/2 Nº 16 DEZ.1994 / JAN.1995

Receituário neoliberal leva México ao desastre

Dizem que a mentira tem pernas curtas. A derrocada do México comprova que tal afirmação é verdadeira. Depois de ser apresentado ao mundo como um dos modelos para quem deseja implantar programas de estabilização respeitando o figurino imposto pelo FMI e o Banco Mundial, depois de ser visto como um verdadeiro "milagre", o México naufragou numa das suas piores crises econômicas.

Seu endividamento de curto prazo é espantoso, chegando a US$ 211 bilhões, seu déficit em transações correntes (balança comercial mais serviços) alcançou em 94 US$ 25 bilhões. Suas reservas, formadas em grande parte por capitais especulativos de curto prazo, evaporaram-se. Caíram em poucas semanas de US$ 28 bilhões para apenas US$ 7 bilhões.

E não se pode negar que o México foi um menino bem comportado. Privatizou 1.500 empresas, desregulamentou sua economia, entrou para o Nafta, reduziu significativamente seu déficit fiscal e lançou programas sociais compensatórios. Tudo como o FMI recomenda. Como a receita desandou, mesmo com a forte queda das taxas mensais de inflação, o México foi obrigado a desvalorizar sua moeda, a elevar brutalmente as taxas de juros para tentar evitar a fuga de capitais e a sair com o pires na mão mendigando recursos do governo dos EUA e dos banqueiros privados norte-americanos.

E o Brasil com isso? Nossos confiantes tecnocratas afirmam que o efeito Tequila não abalará o Plano Real. Pelo contrário, o Brasil sairia ganhando com a crise mexicana. Afinal de contas, uma parcela dos capitais que fugiram do México viria para o Brasil. Como diria Pirandello, assim é se lhe parece ...

As semelhanças entre o modelo mexicano e o Plano Real chegam a ser inquietantes. Reservas elevadas com base em capitais especulativos e empréstimos a juros elevadíssimos e taxas flutuantes, privatização acelerada de empresas, adoção de programas sociais compensatórios, tentativas desesperadas de fazer o ajuste fiscal (vide Fundo Social de Emergência e ênfase na reforma tributária) e uma célere abertura da economia ao exterior. Isso sem falar, é claro, nas âncoras monetária e cambial, que cá existem como lá.

Portanto, é bom ficar com a pulga atrás da orelha e acompanhar de perto o que está acontecendo no México e o que ocorrerá na Argentina. O modelo neoliberal de estabilização parece estar fazendo água por todos os lados. O Brasil não pode ignorar as lições da história. Quem as ignora acaba sendo atropelado pelo fatos. Será que nossos tecnocratas terão tal sabedoria? Ou sua auto-suficiência chega a tal ponto que os deixa cegos à realidade?

Parcerias ameaçam monopólio

A "flexibilização" como forma de liquidar o monopólio estatal do petróleo sem aparentemente ferir a Constituição de 88 será a estratégia adotada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso para permitir que as multinacionais passem a explorar o petróleo brasileiro. Essa pelo menos é a convicção do jornal Ocean Oil Weekly Report.

Diz o jornal: "O novo presidente não vem fazendo manifestações prévias sobre o fim do monopólio, em especial porque a emenda que tentou mudar a Constituição no início de 94 não deu certo. Ao que parece ele tentará um caminho indireto para conseguir mudar o cenário local do petróleo. Esta nova aproximação se denomina flexibilização e está baseada no princípio de que o monopólio constitucional do petróleo é um direito do governo e não da Petrobrás, a qual apenas o administra em nome da União. Isto significa que o governo poderia retirar os direitos monopolistas da Petrobrás, sem ter que mudar a Constituição".

"O primeiro passo da flexibilização seria a adoção de parcerias entre a Petrobrás e a indústria privada para a construção de grandes oleodutos e para a viabilização do gasoduto Brasil-Bolívia. Da parceria com a Petrobrás, os grandes grupos internacionais passariam à competição com a empresa".

" As parcerias seriam adotadas por Fernando Henrique Cardoso logo no início de sua gestão. A fase competitiva viria mais tarde, sendo precedida pela venda de ações da Petrobrás no mercado internacional.

Texaco vai mal das pernas e demite

A Texaco — uma das Seis Irmãs do setor petrolífero — vai mal das pernas. A empresa anunciou recentemente que perto de 50% dos 600 campos produtores que possui nos Estados Unidos serão vendidos. Os recursos obtidos serão direcionados para investimentos fora dos EUA.

Para reforçar seu caixa, a Texaco resolveu, também, racionalizar suas operações internacionais. Em função disso, vai vender suas propriedades de produção de óleo pesado na Colômbia. Além disso, a companhia vem reduzindo sistematicamente sua força de trabalho. Nos últimos dois anos seu quadro de pessoal caiu 13% e nos próximos 12 meses mais 2.500 empregados serão demitidos.

Reservas em queda

Um estudo realizado recentemente pela Administração de Informação de Energia dos Estados Unidos revelou que as reservas de petróleo e gás do país voltaram a cair em 1993. As reservas de gás recuaram 1,2% em relação às de 1992 e as de petróleo 3,2%, caindo para 22,9 bilhões de barris.

Os Estados Unidos estão cada vez mais dependentes das importações de petróleo. Atualmente sua produção atende apenas a aproximadamente 50% do consumo interno.

Produção volta a declinar nos EUA

A produção norte-americana de petróleo no primeiro semestre de 1994 foi a pior desde 1957. A produção média atingiu 6,63 milhões de barris/dia, registrando uma queda de 3,6% em relação ao mesmo período do ano passado. Já as importações cresceram 4,1%, atingindo 8,73 milhões de barris/dia.

Exxon e Mobil vão eliminar empregos

Não é apenas a Texaco que está demitindo no setor petrolífero. A Amoco anunciou cortes de 3.800 funcionários e a Exxon vai eliminar 430 empregos nos Estados Unidos.

A Mobil também decidiu mandar gente embora. Seus cortes atingirão 2.300 funcionários da divisão química. Já a Arco Alaska vai se reorganizar e tal iniciativa implicará na demissão de 750 funcionários.

Automação avança com rapidez no setor de exploração petrolífera

A rápida automação das atividades produtivas, uma das marcas registradas da Terceira Revolução Industrial, vem destruindo postos de trabalho com enorme velocidade. Nos países capitalistas avançados 35 milhões de pessoas estão desempregadas, sendo 24 milhões na Europa.

A automação vem avançando, também, no setor petrolífero. Dois campos que estão sendo desenvolvidos no Mar do Norte pela Conoco e a Total estão sendo explorados por plataformas totalmente automatizadas controladas por satélites.

Os campos de gás de Caister e Murdoch são monitorados e controlados à distância, estando o centro de operações localizado no terminal de gás da Conoco situado em Lincolnshire na Inglaterra.

Os satélites utilizados para a transmissão de voz e dados são do sistema Eutelsat, situados a mais de 22 mil milhas acima do equador.

Petróleo arruinou economia da URSS

Os Estados Unidos manipularam os preços do petróleo para precipitar a quebra da economia soviética. A denuncia partiu de Peter Schweizer, da Hoover Institution. A manipulação cobriu o período 1981/86 e seus artífices foram Caspar Weinberger, secretário de Defesa do governo Reagan, William Casey, diretor da CIA, William Clark, conselheiro para a segurança nacional e John Poindexter, também conselheiro para a segurança nacional.

Casey defendeu junto a Reagan a tese de que 80% das receitas de exportação da União Soviética provinham do petróleo. Portanto, dificultá-las ajudaria a precipitar a bancarrota da economia soviética. Para alcançar tal resultado os Estados Unidos trabalharam para deprimir os preços do petróleo e fizeram um verdadeiro cerco tecnológico à União Soviética. Em 29 de dezembro de 1981, apenas para citar um exemplo, o governo Reagan embargou a venda de equipamentos de petróleo e gás para a União Soviética.

E ainda há os que dizem que o petróleo é uma commodity qualquer...

Retaliar para poder reinar

A proposta de consultores estrangeiros de que a Petrobrás fosse retaliada para facilitar sua privatização, que andou circulando por aqui no governo Collor, ao que parece está fazendo escola. A Petroperu deverá ser dividida em cinco unidades para passar às mãos do capital privado. Essa divisão compreenderia refinarias, áreas de produção, oleodutos e terminais.

O governo peruano ficaria com apenas 10% do capital que seriam distribuídos aos trabalhadores da Petroperu.

Argentinos sofrem com venda de gás

Exportar é o que importa. Esse parece ser o slogan do governo Meném. Os consumidores argentinos serão sacrificados, pagando mais caro pelo gás natural, para que a Argentina possa exportar o produto para o Brasil e o Chile.

O gás produzido no noroeste da Argentina será todo vendido ao Brasil. Em seu lugar os argentinos contarão com o gás do mar Austral cujo preço passará de US$ 1,02 para US$ 1,20 por metro cúbico.

EXPEDIENTE

ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS DA PETROBRÁS

Rua Almirante Barroso, 22 - 19º andar - Centro, RJ CEP 20031 Tel 220-4774 Fax 262-9224
POR DENTRO DO PETRÓLEO
Jornalista Responsável: Ricardo Bueno
Mais informações sobre as matérias deste boletim poderão ser obtidas junto à AEPET